

# **AFETOS QUE NÃO SE ENCERRAM: TRÊS MULHERES NA MEMÓRIA DA PUC-RIO**

**Aluna: Ana Clara de Amorim Inocêncio**

**Orientadores: Margarida de Souza Neves, Silvia Ilg Byington e Eduardo Gonçalves**

## **1.0 – Introdução**

Esse projeto de pesquisa é resultado de um interesse recente acerca da temática da mulher. No primeiro semestre de 2021, produzi um artigo para a Revista ORÉ – Revista Discente de Estudos Históricos da UNIRIO – que abordou a representação feminina no cinema, pensando no contraste da representação da personagem Malévola nos filmes *Bela Adormecida* (1959) e *Malévola* (2014). Nesse artigo, analisei a mudança da abordagem cinematográfica no modo de apresentar a mesma personagem de formas diferentes para compreender como determinadas representações não cabem mais na percepção histórica que temos do que é a figura feminina. Durante a elaboração desse trabalho, fui incentivada pela professora Margarida de Souza Neves a dar prosseguimento a essa temática, relacionando-a à primeira etapa de minha pesquisa e às minhas recentes atividades no Núcleo de Memória da PUC-Rio.

Em minha pesquisa anterior no Núcleo de Memória, identifiquei o pioneirismo da PUC-Rio no que diz respeito à formação de uma Universidade que compreende as particularidades do aluno e estimula a construção de uma percepção de mundo que está além do que pode ser ensinado em sala de aula, a partir da leitura e análise de textos sobre o projeto de criação da Universidade de autoria de seu fundador, Pe. Leonel Franca S.J.. Para isso, utilizei o conceito de Corpo sem Órgãos (CsO) do escritor francês Antonin Artaud como instrumento de análise para compreender essa percepção que está além do tradicional. Nesta nova etapa de minha pesquisa, opero com o conceito de Artaud para analisar a atuação histórica de três mulheres na PUC-Rio e os diferentes lugares que ocupam na memória da Universidade. Além do conceito de Corpo sem Órgãos, tomo como referências teóricas o conceito de Afeto do filósofo Baruch Spinoza e as reflexões do escritor Cesar Aira em sua Teoria do Suporte.

Escolhi como protagonistas dessa pesquisa a professora do Departamento de Letras Cleonice Berardinelli, a professora do Departamento de Ciências Sociais Fanny Tabak e a funcionária do Departamento de Engenharia Civil Joana Brandão. Penso como as trajetórias dessas três mulheres influenciaram a PUC-Rio na construção de conhecimento e de um pensamento crítico que é capaz de transformar o mundo, ao transformarem os papéis e os lugares destinados às mulheres no ambiente acadêmico. A partir dessa linha de pensamento, busco operar com os conceitos listados acima (de Artaud, Spinoza e Aira) para melhor compreender e interpretar as ações e trajetórias dessas três mulheres no espaço universitário da PUC-Rio. Para isso, considero o Afeto e a Teoria do Suporte como instrumentos de aplicação do Corpo sem Órgãos à prática, apontando o Afeto como uma potência transformadora e a Teoria do Suporte como um modo de articulação de procedimentos.

O presente trabalho de Pesquisa em Iniciação Científica foi realizado por mim, Ana Clara de Amorim Inocêncio, graduanda de Artes Cênicas da PUC-Rio e bolsista de Iniciação Científica do Núcleo de Memória da PUC-Rio. O Núcleo é vinculado à Vice-Reitoria para Assuntos Acadêmicos (VRAC) e é coordenado pelo professor Marco Antonio Villela Pamplona e pela professora Margarida de Souza Neves. Também conta com os pesquisadores Clóvis Gorgônio, Silvia Ilg Byington e Eduardo Gonçalves, o fotógrafo Antônio Albuquerque, e atualmente, além de mim, com mais três bolsistas de Iniciação Científica: Edson de Souza, Eric Damião Duarte e Juliana Capossoli.

Este relatório lista as atividades realizadas por mim no período de agosto de 2020 a julho de 2021, dividindo-se em duas partes:

- Relatório Técnico: um resumo das atividades realizadas coletivamente e individualmente;
- Relatório Substantivo: o texto que consolida o meu trabalho individual de pesquisa.

## **2.0 – Relatório Técnico**

### **2.1 – Atividades em Equipe**

No período de elaboração deste relatório, o Núcleo de Memória realizou atividades 100% remotas devido à pandemia de COVID-19. As atividades remotas ocorreram através de encontros na plataforma Zoom, troca de e-mails e mensagens e compartilhamentos de documentos na plataforma Google Drive.

- Tivemos reuniões semanais com a participação de toda equipe: coordenadores, pesquisadores e bolsistas; tendo como principais atividades a elaboração de projetos, sistematização da agenda de tarefas, troca de experiências e discussão de textos em seminários;

- **24/08/2020** - Silvia conduziu o seminário “Encruzilhadas – segunda sessão” que continuou os debates sobre a vida e morte dos monumentos-estátuas. A equipe fez a leitura prévia dos artigos selecionados pela Silvia e debateu questões a respeito da derrubada de monumentos arquitetônicos pelos movimentos antirracismo em vários países e no Brasil;

- **10/09/2020** – Participação no XXVIII Seminário de Iniciação Científica e Tecnológica da PUC-Rio, que este ano devido à pandemia foi realizado online através da ferramenta Zoom, com apresentação de pôster sobre a pesquisa Corpo sem órgãos: arte como instrumento de construção do sujeito intelectual na PUC-Rio;

- **14/09/2020** – A equipe relatou as impressões e fez avaliações das participações dos bolsistas nas Jornadas de Iniciação Científica de 2020;

- **21/09/2020** – Oficina de fichamento e escolhas de textos para apresentação dos seminários;

- **05/10/2020** – Planejamento das atividades para o segundo semestre de 2020;

- **19/10/2020** – A equipe fez o debate do texto "Memória, Identidade e Projeto", do livro Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas do antropólogo Gilberto Velho;

- **16/11/2020** – A equipe realizou o debate do texto “Memória” de autoria do historiador Jacques Le Goff. A profa. Margarida foi a responsável pela apresentação do seminário;

- **04/01/2021** – O pesquisador Eduardo Gonçalves apresentou o seminário sobre o livro “La memoria amenazada” do filósofo e linguista búlgaro Tzvetan Todorov;

- **01/02/2021** – O pesquisador Clóvis Gorgônio fez uma apresentação sobre Metadados para a equipe. Explicou o panorama geral sobre o conceito de metadados e sinalizou as questões particulares de cadastro dos acervos doados para o Núcleo;

- **22/02/2021** – A profa. Margarida coordenou o seminário sobre Coleções. Iniciou o debate com a apresentação de algumas definições sobre a noção de Coleção. A profa. Margarida propôs um exercício conjunto para estabelecer uma convenção para o cadastro das coleções do Núcleo de Memória. Apresentou uma proposta de ficha de cadastro para equipe analisar, opinar e realizar um exercício a partir da Coleção Maria Luiza e Edgard Amarante, este professor de engenharia da PUC-Rio;

- **01/03/2021** – O bolsista Eric Duarte coordenou o seminário do texto “O rastro e a cicatriz: metáforas da memória” da filósofa Jeanne Marie Gagnebin;

- **08/03/2021** – A pesquisadora Silvia Ilg Byington e a bolsista Ana Amorim apresentaram o seminário do texto “Passados Presentes: mídia, política e amnesia” do crítico alemão Andreas Huyssen;

- **19/04/2021** – O prof. Marco Pamplona apresentou para a equipe a proposta de trabalho com as memórias e narrativas sobre o impacto da pandemia na comunidade acadêmica da PUC-Rio a partir de março de 2020. O projeto realizará a coleta e o trabalho de análise dos registros que foram publicados pelo corpo docente e discente, pesquisadores, funcionários e terceirizados;

- **10/05/2021** – A pesquisadora Silvia Ilg Byington e o bolsista Edson de Souza apresentaram o seminário do texto “O que documenta a fonte oral?”, de autoria da professora Verena Alberti;

- **17/05/2021** – O prof. Marco coordenou o seminário do texto “Antimonumentos: trabalho de memória e resistência”, de autoria do prof. Márcio Seligmann-Silva;

- **31/05/2021** – Conversa com o prof. José María Gómez, do Departamento de Direito, acerca da introdução de seu livro “Lugares de memória: ditadura militar e resistências no Estado do Rio de Janeiro”, publicação coordenada por ele e lançada em 2018;

- **14/06/2021** – Entrevista com Anair de Oliveira, ex-funcionária do Departamento de História da PUC-Rio, que abordou a trajetória de Anair antes de ingressar na PUC-Rio e seus 45 anos de trabalho na Universidade;

- **28/06/2021** – Seminário sobre o texto “Entre Memória e História: a problemática dos lugares”, do historiador francês Pierre Nora, coordenado pela prof. Margarida;

- **05/07/2021** – Discussão do projeto Memórias da Pandemia na PUC-Rio como uma iniciativa que visa constituir um acervo digital com registros voluntários de memórias da pandemia em formato de entrevistas, performance, texto, imagem, entre outros, enviados ao Núcleo para serem organizados e disponibilizados em um *hotsite*.

## 2.2 – Atividades Individuais

- Produção do artigo “Duas Malévolas: condicionamento e apagamento das narrativas femininas através da história” para a Revista Oré – Revista Discente de Estudos Históricos da UNIRIO;

- Elaboração da apresentação abordando os procedimentos técnicos e regras para a criação de um novo perfil no Instagram, visando a criação de um perfil para o Núcleo de Memória;

- Elaboração de roteiros e gravação de entrevistas para a minha pesquisa realizadas com professores, alunos e funcionários da PUC-Rio sobre a funcionária Joana Brandão e a professora Fanny Tabak, dentre eles:

**01 – Maria de Fátima de Castro Dinoah** – ex-funcionária da PUC-Rio. Trabalhou como secretária do Departamento de Engenharia Civil;

**02 – José Eugênio Leal** – professor do Departamento de Engenharia Industrial;

**03 – Alberto Strozenberg** – ex-aluno da PUC-Rio de Eletrotécnica e Engenheiro Elétrico;

**04 – José Nilson de Melo** – funcionário da PUC-Rio. Trabalha no Departamento de Engenharia Civil e Ambiental como Supervisor no Laboratório de Estruturas e Materiais;

**05 – Sueli Bulhões da Silva** – professora aposentada do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio;

**06 – Djenane Pamplona** – professora aposentada do Departamento de Engenharia Civil da PUC-Rio e artista plástica.

- Fiz uma visita à sala do Núcleo de Memória na PUC-Rio para coletar dados dos Anuários da PUC-Rio, nas suas versões impressas entre os anos 1960 a 1990, seguindo todos os protocolos de segurança contra a COVID-19;

- Assisti entrevistas disponibilizadas no YouTube sobre a trajetória da professora Cleonice Berardinelli;

- Leitura de documentos acerca da fundação do NEM – Núcleo de Estudos da Mulher;

- Leitura do Livro “Laboratório de Pandora: estudos sobre a ciência no feminino”, da professora Fanny Tabak

- No curso de Artes Cênicas, as seguintes disciplinas auxiliaram na constituição deste presente trabalho:

**01 – Literatura e Interfaces – LET 1429** – apresentação dos conceitos teóricos sobre o afeto, utilizando como referências os autores Antonin Artaud, Baruch Spinoza e Michael Hardt;

**02 – Cânone Ocidental – LET 1428** – apresentação do autor Cesar Aira e discussão acerca da ideia de arte e literatura para o autor;

**03 – História Contemporânea II – HIS 1328** – apresentação do tema Movimento Feminista no século XX.

### **3.0 – Relatório Substantivo**

## **AFETOS QUE NÃO SE ENCERRAM: TRÊS MULHERES NA MEMÓRIA DA PUC-RIO**

### **3.1 - Introdução**

Eu acredito que temos o péssimo hábito de julgar que o mundo artístico se reserva aos museus e se restringe às academias de arte. O escritor e tradutor argentino César Aira explica esse fenômeno ao apontar que, por vezes, valorizamos mais o suporte do que a arte em si pois “quem compra a arte, compra eternidade, e a quer pronta, sem poréns” [1]. O autor trabalha essa temática no texto A Poesia do Suporte, presente na obra Pequeno Manual de Procedimentos. Aira se interessa fortemente pela noção de procedimento, dando um foco maior ao processo de criação de uma obra de arte do que em seu resultado final. Isso, entretanto, segundo o autor não é o comum, pois a valorização estética acaba por se sobressair em relação àquilo que está por trás do resultado estético. Neste caso, pela valorização estar mais no resultado final, Aira considera que o suporte – aquilo que legitima a obra de arte, seja a moldura ou o museu – acaba sendo mais importante que a obra em si. Desejamos a arte que será colocada na parede, mesmo que não compreendamos o modo como ela chegou até ali, como foi criada, o que inspirou sua criação. De modo semelhante, acreditamos em uma educação que se reserva ao meio acadêmico e está restrita à Universidade e outras instituições de ensino. Tal ideia também pode ser aplicada ao fato de que, por vezes, os resultados e sucessos da educação – a obtenção do diploma ou estabilidade em uma profissão – são mais ansiados do que os processos e aprendizados, descartando experiências que são capazes de transformar o sujeito no ambiente universitário.

Em meu trabalho de pesquisa anterior<sup>1</sup>, eu desenvolvi a ideia de transformação do meio acadêmico, pensando na PUC-Rio como um espaço de desenvolvimento da identidade do sujeito e a articulação do conceito de Corpo sem Órgãos, elaborado pelo poeta, escritor e roteirista francês Antonin Artaud, para o desenvolvimento de uma educação que forme o aluno de maneira integral de forma espontânea e imprevisível. Dentro dessa ideia, me coloco a refletir sobre os agentes de mudança desse espaço e o que eles fizeram para gerar essa transformação. Entretanto, como forma de restringir esse grupo de personalidades, escolhi figuras femininas que nesse processo não apenas foram relevantes na história da PUC-Rio, mas também na inserção da mulher em um espaço que durante muito tempo se reservou à figura masculina.

As protagonistas dessa pesquisa são: Cleonice Berardinelli – professora do Departamento de Letras –, Fanny Tabak – professora do Departamento de Ciências Sociais – e Joana Brandão

---

<sup>1</sup> Ver: INOCÊNCIO, Ana Clara de Amorim, Corpo Sem Órgãos: arte como instrumento de construção do sujeito intelectual na PUC-Rio. Disponível em: <http://nucleodememoria.vrac.puc-rio.br/sites/default/files/documentos/producao-nucleo/pibic/corpo-sem-orgaos-arte-como-instrumento-construcao-sujeito/relatorio-corpo-sem-orgaos-arte-como-instrumento-construcao.pdf>

– funcionária do Departamento de Engenharia Civil. Tais escolhas não foram por acaso. Quando cheguei a essas mulheres, percebi que suas memórias, ao mesmo tempo em que possuíam grandes diferenças, também eram marcadas por um elemento transformador que encarna o que Artaud definiu como Corpo sem Órgãos. Foram mulheres que estiveram inseridas em determinadas funções dentro da PUC-Rio, mas que também estavam associadas a um elemento crucial que cruzava os seus trabalhos, o modo como elas estavam dispostas a romper com expectativas. Artaud, em sua reflexão, propõe um espaço de trabalho em que seja possível manifestar dinamismo e expressividade. Ele aponta a necessidade de criar uma nova linguagem na arte, que esteja preenchida por uma força viva, capaz de se converter em uma potência transformadora [2]. Tal proposta de Artaud, mesmo que direcionada para o mundo artístico, pode ser apropriada para se interpretar outros espaços como, por exemplo, o universitário. Meu interesse está em compreender como essas mulheres foram capazes de converter suas ações dentro do universo da PUC-Rio nessa potência transformadora, cada uma a seu modo e a partir de diferentes lugares.

Cleonice Berardinelli ingressou como professora da PUC-Rio em 1963. Ela é descrita como uma figura singular, de múltiplas facetas, com alma e sensibilidade de artista. Seu ex-aluno, o escritor e professor Domício Proença Filho, aponta que Cleonice é uma mulher que nasceu para ser atriz [3]. Sua vocação se direcionava ao teatro devido à interpretação encantadora que estava agregada à fundamentação técnica e literária em seus ensinamentos de literatura. Seu coração estava na sala de aula e ela influenciou inúmeros profissionais que passaram por suas mãos.

Fanny Tabak foi professora e pesquisadora. Na década de 1980, ela lecionava Sociologia do Desenvolvimento na PUC-Rio e uma de suas críticas ao ambiente acadêmico estava direcionada ao número reduzido de alunas em cursos de engenharia [4]. Ela se sentia incomodada por enxergar tantas ausências em suas salas de aula e pelo baixo número de mulheres na carreira científica. Devido a esse incômodo, ainda na década de 1980, Fanny criou o Núcleo de Estudos sobre a Mulher (NEM), núcleo pioneiro na América Latina que, sob sua direção, discutia temas acerca da temática da mulher e também apontava a necessidade de inserir mulheres nas áreas da ciência e tecnologia [5].

Por último, mas não menos importante, gostaria de apresentar Joana Brandão. Dona Joana, como carinhosamente era chamada, entrou na Universidade em 1958 para trabalhar no setor de Manutenção e Serviços Gerais. Entretanto, após uma intervenção do Prof. Erlane Ferreira Soares, Diretor do Departamento de Engenharia Civil, ela se tornou funcionária do Departamento e trabalhava na limpeza dos laboratórios. Ela era descrita como uma figura pequenina, e ao mesmo tempo gigante, que circulava pela Universidade [6]. Era admirada e muito querida por aqueles que a cercavam. Dona Joana é lembrada como uma pessoa que atuou ativamente na proteção de alunos, professores e funcionários perseguidos durante o período da ditadura militar no Brasil.

No que diz respeito à memória dessas mulheres, é interessante pensar que há uma vasta bibliografia sobre a profa. Cleonice, na qual há a preocupação em preservar sua memória pessoal, familiar, e também acadêmica, docente e especialista que é, uma autoridade em literatura portuguesa. As memórias de Fanny estão relacionadas à sua atuação, para além do espaço universitário, na luta para a inserção da mulher no ambiente acadêmico – principalmente no meio técnico e científico – e no projeto de criação do NEM. Em seu livro, *O Laboratório de Pandora: estudos sobre a ciência no feminino*, Fanny nos conta um pouco sobre o seu trabalho, tanto na PUC-Rio, quanto na UFRJ, acerca da temática da mulher. A sua luta é conhecida, no entanto, são escassas as informações que dizem respeito ao lado mais pessoal de Fanny, que não aparecem em suas memórias. A maior parte das informações que consegui localizar foram pequenas matérias citando o NEM no *Jornal da PUC*, os boletins do NEM no acervo recolhido no Memorial da Anistia e informações de autoria de Fanny Tabak em seu livro *Laboratório de*

Pandora, além das informações fornecidas pelos entrevistados. Quanto à Dona Joana, seu nome aparece em poucos momentos nos acervos da PUC-Rio. Ela não possui textos reservados à preservação de sua memória, mas ela é uma figura de enorme força quando seu nome é citado pelos funcionários que trabalhavam na PUC-Rio em sua época. Sobre sua memória, encontrei algumas breves informações no Jornal da PUC, um texto carinhoso escrito pela profa. Margarida de Souza Neves para o site do Núcleo de Memória e uma homenagem que Dona Joana recebeu na 61ª Caravana da Anistia, realizada na PUC-Rio em 2012.

Devido a essas lacunas, senti a necessidade de encontrar mais informações sobre Fanny Tabak e Dona Joana. Em uma de minhas atividades no Núcleo de Memória, participei de um seminário que abordou a temática da história oral, que utilizava como referencial teórico o texto “O que documenta a história oral?” da pesquisadora Verena Alberti [7]. A partir dessa referência, e com a ajuda da pesquisadora do Núcleo de Memória Silvia Ilg Byington, identifiquei pessoas e realizei entrevistas que pudessem me ajudar a reconstruir a memória de Fanny Tabak e sua atuação no NEM, assim como a memória de Joana Brandão e o que ela representou para aqueles que conviveram com ela. Essa parte de meu trabalho foi, particularmente, bem divertida. Com o passar das entrevistas eu me sentia uma detetive que capturava as pistas deixadas pelos entrevistados para depois montar o meu quebra-cabeça, construindo minha própria versão daquela narrativa de memória deixada a partir dos rastros daquelas mulheres.

Ao lado de Silvia, elaborei dois tipos de roteiros: um dedicado à Dona Joana e outro dedicado à Fanny Tabak. As perguntas foram elaboradas com o objetivo de reconstruir as pontas soltas que os demais documentos consultados para essa pesquisa deixavam, tendo em vista que os relatos de memória dos entrevistados são reconstruções do passado a partir do presente. As entrevistas ocorreram através da plataforma Zoom, por conta da pandemia de Covid-19, e foram gravadas para o acervo do Núcleo de Memória.

Sobre Dona Joana, meus questionamentos estavam direcionados para quem era a mulher por trás da “funcionária da limpeza do Departamento de Engenharia Civil”. Eu queria compreender Dona Joana a partir da relação que ela mantinha com os alunos e aqueles que estavam ao seu redor, construindo uma memória que é desenvolvida a partir do afeto.

Para as entrevistas sobre Fanny Tabak, foi difícil localizar as pessoas que conviveram com ela ou atuaram no NEM. Apesar da grande relevância no que se refere ao pioneirismo do grupo de estudos sobre a mulher, as memórias de Fanny Tabak e informações sobre seu trabalho no NEM são escassas e fragmentadas. Unir as peças para entender o trabalho de Fanny foi um desafio. Senti a necessidade de fazer entrevistas para compreender melhor as informações que eu tinha até o momento e também como modo de conhecer mais profundamente Fanny Tabak. Meu desejo de pesquisa estava não apenas em compreender Fanny pelo seu trabalho e sua vida acadêmica, mas também pensar quem era a mulher por trás da perspectiva profissional, alcançando seus afetos e suas relações.

### **3.2 – Joias Raras: Fanny Tabak, Cleonice Berardinelli e Joana Brandão**

Andreas Huyssen afirma que, na década de 1960, emergiu no ocidente o que ele chama de um novo tipo de discurso da memória [8]. Esse fenômeno fundava-se em uma busca por uma recodificação do passado, desejando trazer à tona versões históricas alternativas e revisionistas. A memória institucional da PUC-Rio, em seus 80 anos de história, é formada pela interpretação da trajetória dos membros que compõem esse corpo universitário com suas diferenças e contradições. Nesse trajeto, a dialética da memória, que relaciona lembrança e esquecimento, é seguida e é possível considerar que nela algumas pessoas são comemoradas enquanto outras pessoas são apagadas dessa história. Nesta pesquisa, meu objeto de estudo converteu-se na busca pela memória de mulheres que não apenas deixaram marcas por suas atuações

profissionais na PUC-Rio, mas também pela presença conquistada, a inserção da figura feminina em locais que anteriormente eram frequentados apenas pela figura masculina.

Em minha pesquisa no acervo do Núcleo de Memória, mais especificamente no Anuário de 1965 [9], realizei a estimativa de quantas mulheres faziam parte do Corpo Docente da PUC-Rio. Estimei que, em 1965 cerca de 81,7% do Corpo Docente era formado por homens, enquanto as mulheres representavam apenas 18,3%, concentradas nas áreas de ciências humanas e sociais. Certamente, muitas mulheres atravessaram a PUC-Rio em seus 80 anos de existência e deixaram marcas na Universidade. Por vezes, essas informações nem mesmo estão nos acervos, restando apenas os rastros de quem foram essas mulheres e como elas mudaram a PUC-Rio. Trazer à tona essas mulheres que escolhi para estar no protagonismo deste trabalho não apenas nos encaminha para uma compreensão ampliada, representativa e múltipla que se pretende acerca da memória da Universidade, mas nos afasta de uma percepção de que a Universidade é um corpo coeso e que pensa de determinado modo. Sair dessa noção leva-nos a perceber que a memória da instituição se constitui também pelas memórias daqueles que fizeram parte de sua história. Além disso, pensar nessa versão polifônica também nos leva a questionar os apagamentos de memória que são feitos. Neste caso, é possível identificar como a Profa. Cleonice é uma mulher muito lembrada e comemorada, enquanto Dona Joana é lembrada a partir de uma memória bem diferente da acadêmica e Fanny Tabak é apagada, de certo modo, da memória da Universidade.

A própria presença dessas três mulheres, em seus lugares do ambiente acadêmico, já é algo significativo. A ascensão profissional das mulheres era algo difícil e, pelo menos até a década de 1930, a população feminina das camadas médias tinha o trabalho no magistério primário como o que se considerava a única saída digna de trabalho, já que a profissão poderia estar relacionada ao trabalho doméstico [10]. Neste caso, se anteriormente a dignidade de uma mulher estava condicionada ao trabalho do lar, a presença feminina em lugares que antes eram dominados pela presença masculina, no caso das professoras Cleonice e Fanny, já aparecia como um ato inovador. Não apenas a presença dessas mulheres é relevante para minha pesquisa, mas também a sua capacidade de se destacar por seguir o caminho do coração<sup>2</sup>, algo que é não é tão frequente na academia, dominada pela razão e racionalidade. A revolução de Dona Joana, em distinção à Dona Cleo e Fanny, está atrelada ao modo como uma mulher negra, que atuava como servente, foi capaz de se destacar, seja em sua atuação cotidiana ou em momentos excepcionais da história da PUC-Rio, e colocar em prática valores como ética, compaixão e lealdade, assim como transmitir um pensamento crítico sem precisar do suporte teórico de grandes nomes das ciências e das humanidades. Sua atuação esteve atrelada à um trabalho de teor doméstico, já que ela cuidava da manutenção da PUC-Rio e, posteriormente, da limpeza dos laboratórios de Engenharia Civil, mas a influência que ela exerceu em outros integrantes do corpo universitário esteve muito além do maquinário funcional da Universidade. Essas três mulheres atuaram segundo uma lei do coração, em um ato que eu considero revolucionário, indo além do elemento racional para seguir suas próprias convicções.

Cleonice Berardinelli é uma personagem que possui uma extensa produção documental sobre ela. Graduou-se em Letras Neolatinas pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP em 1938 [11] e é especialista em literatura portuguesa. Recebeu inúmeros prêmios e homenagens, sendo atualmente membro da Academia Brasileira de Letras. A relação de Dona Cleo – como é chamada carinhosamente – com as letras (principalmente a poesia) é algo que vem da infância. Desde menina, ela sente gosto e teve uma “paixão fulminante” [12] pela

---

<sup>2</sup> Em sua Carta destinada aos Reitores das Universidades Europeias, Artaud estabelece a necessidade de encontrar a Lei do Coração. Artaud explica que essa lei corresponde a um espaço que a ciência jamais seria capaz de alcançar pois ela seria uma lei que não poderia ser limitada por um procedimento científico. A Lei do Coração seria um guia (ou, como prefiro interpretar, uma intuição) para que o Espírito, perdido em seu próprio labirinto, seja capaz de encontrar respostas para si mesmo. Cf.: WEILLER, Claudio, Escritos de Antonin Artaud, p. 27.

poesia. Segundo Pedro Sprejer, autor da matéria “A paixão pelas palavras de Cleonice Berardinelli”, os pais de Dona Cleo foram uma grande influência para que ela adquirisse o amor pela leitura [13]. Ele acrescenta que Cleonice possui uma memória prodigiosa: com 13 anos ela já era capaz de declamar mais de 200 poemas de cor. Acerca desse fato, Dona Cleo declara que não acredita que seja mérito da memória tal fato, pois os versos já estão em sua circulação, correndo em plena energia por suas veias [14]. É divertido pensar que, antes de optar pelo curso de Letras, Dona Cleo quase se encaminhou para o mundo da engenharia. Segundo ela: “Queria ser engenheira de estradas, construir pontes, viadutos e tudo isso que eu via nas andanças entre Rio e São Paulo” [15]. O desejo dela de construir pontes, entretanto, não se dissolveu com a mudança de ideia ao optar pelo curso de Letras, pelo contrário. Ela construiu pontes que levavam cada um de seus alunos a um mundo completamente novo contido em cada livro, em cada poesia. Isso fica evidente em sua declaração sobre a frequência de esbarrões com seus ex-alunos que saúdam a antiga mestra. Ela acredita que “não existe uma profissão tão gratificante [...] não tem nada igual a essa relação de convívio constante durante anos” [16].

Cleonice começou a lecionar na PUC-Rio em 1963 e de seus mais de 100 anos de vida cerca de 70 foram dedicados à vida acadêmica. Segundo o atual reitor da PUC-Rio, padre Josafá Carlos de Siqueira S.J.:

Na PUC-Rio, na Academia e na sociedade, a mestre Cleonice nos mostra a sublime arte de saber envelhecer, conservando a busca da verdade, o desejo de profundidade literária, a alegria de viver e a capacidade de colocar amor em tudo que faz. [17]

Uma das primeiras memórias dos ex-alunos ao pensar no que era estar em uma aula ministrada por Dona Cleo era sua capacidade de dramatizar. Ela trazia vida para cada palavra presente nos livros. Segundo o prof. Júlio Diniz, Decano do CTCH e ex-aluno de Dona Cleo, tamanha era a capacidade de Cleonice para trazer vida para cada palavra em cada poesia, que se considera que a universidade ganhou uma excepcional professora, enquanto o teatro perdeu uma grande atriz [18].



Figura 1 – Cleonice Berardinelli no lançamento do livro *Genuína Fazendeira*, que celebra os cem anos de Dona Cleo. 09/2016. Fotografia Gabriela Doria. Acervo Comunicar.

O corpo de Dona Cleo fala tanto quanto sua voz. Se trata de um corpo que transmite uma força natural e que se relaciona confortavelmente com o mundo à sua volta. Na Figura 1, Dona Cleo estava no lançamento do livro *Genuína Fazendeira*, uma obra dedicada à comemoração de seu centenário e, nesta fotografia, ela parece estar num palco, prestes a interpretar um monólogo dramático. O seu corpo, mais do que se comunicar, ensina e se impõe com graça, parecendo estar completamente disposto a se entregar plenamente no processo de transmissão de

conhecimento. Apesar da idade avançada – 105 anos –, Dona Cleo transmite uma plena vitalidade e paixão, capaz de cativar todos aqueles que estão em sua presença. Na fotografia que escolhi para apresentá-la, ela assume uma pose ativa e encantadora. Uma jovem senhora que todos param para ouvir e admirar.

Enquanto aluna de Artes Cênicas, me encanta deparar-me com uma professora assim, mesmo que somente através de pesquisas. Ao falar sobre a temática do processo pedagógico, Gloria Jean Watkins, que escreve sob o pseudônimo de bell hooks<sup>3</sup>, aponta a necessidade de trazer um elemento afetivo para dentro do ambiente de ensino [19]. Segundo a autora, somos formados por um dualismo metafísico ocidental, que insiste em uma cisão entre corpo e mente e, por isso, costumamos apagar o nosso corpo para entregar a mente ao processo de ensino. O corpo, entretanto, é exatamente o local onde se localizam esses afetos. Hooks faz uso do argumento utilizado nas aulas de Estudos da Mulher da Universidade de Stanford, apontando que, sem o corpo, somos apenas “espíritos desencarnados”, incapazes de estar presentes por inteiro em sala de aula. A paixão e o afeto servem como uma potência para um estado real de existência, instigando uma energia revigorante capaz de incitar a imaginação crítica e aproximar os alunos do objeto de estudo.

Pensando no argumento de necessidade de afeto apresentado por bell hooks, acredito que Dona Cleo foi capaz de incorporar esses elementos para seu método de ensino de maneira extraordinária. Professora Cleonice foi capaz de transmitir toda sua paixão – unindo teoria e prática – de modo que ela foi capaz de transformar a sala de aula nesse espaço dinâmico de amor pelas ideias e pelo universo das letras. Seu corpo e sua fala traziam arte para o ambiente acadêmico de modo extraordinário, rompendo com a falsa dicotomia entre corpo e mente.

Fanny Tabak, por sua vez, trabalhava ativamente no que diz respeito à inserção da mulher no meio acadêmico e à transformação desse espaço. De forma diferente à Dona Cleo, sua abordagem tinha um teor militante e relacionada a uma luta política. Fanny é autora do livro O Laboratório de Pandora: estudos sobre a ciência no feminino, que foi uma das minhas maiores referências para compreender melhor sua articulação de pensamento. Ela criou o Núcleo de Estudos da Mulher (NEM) na década de 1980 com o apoio da Reitoria da Universidade, após uma inabalável resistência [20]. A criação desse núcleo de estudos tinha como principal interesse o estudo da mulher nos vários setores sociais e as raízes históricas do papel da mulher na sociedade moderna, pensando particularmente na questão da inserção da mulher na vida acadêmica [21].



Figura 2 – Boletim do NEM. 06/1984. Acervo Memorial da Anistia.

Enquanto entidade acadêmica, o NEM se posicionava como um grupo destinado ao ensino e à pesquisa sobre a mulher. Sua atuação, entretanto, era muito mais abrangente do que simplesmente uma ação dentro da Universidade. Dentre as atividades do NEM, é possível

<sup>3</sup> bell hooks adotou esse pseudônimo em homenagem à sua bisavó materna. O uso da letra minúscula para a assinatura de seu nome é parte de seu desejo em dar enfoque ao conteúdo de sua escrita, ao invés de sua persona enquanto escritora.

sublinhar sua atuação comunitária no Morro do Vidigal, o incentivo às candidaturas políticas femininas e ao processo de redemocratização do país, a manutenção de um vasto acervo com obras dos mais diversos tipos e idiomas, o desenvolvimento de cursos que abrangiam diversas temáticas e áreas do conhecimento como “Psicologia da Mulher”, “Mulher e Sociedade”, “Mulher e Direito” e “A mulher na formação histórica e social do Brasil” [22]. O Núcleo era considerado um programa universitário que se baseava nos *Women’s Studies*, sendo a PUC-Rio pioneira na difusão desse tipo de programa no Brasil [23]. Estima-se que os *Women’s Studies* tenham chegado no Brasil na década de 1960-70, sob a nomenclatura de feminismo acadêmico [24]. Os *Women’s Studies* são um campo interdisciplinar de pesquisa, responsável por desenvolver uma série de estudos focados na condição da mulher, principalmente no aspecto teórico-metodológico, que possibilita o questionamento do meio acadêmico. No Brasil, o movimento ainda tinha preocupações quanto à busca por reconhecimento científico para as pesquisas e questionava a naturalização da ideia de que o saber masculino era um saber universal [25]. Sua preocupação estava em torno de uma luta contra a discriminação sexual no acesso à vida acadêmica e contra a composição do cânone teórico [26].

Na década de 1980, Fanny lecionava Sociologia do Desenvolvimento na Universidade e ela indica que o seu maior incômodo estava nas ausências que ela enxergava durante suas aulas. Segundo ela, o número de alunas em cursos como engenharia era muito reduzido [27]. Fanny reconhece que houve um certo avanço no que se refere à inserção da mulher na ciência ao longo da década de 1990 por conta da criação de núcleos acadêmicos e pesquisas individuais que promoviam essa temática. Entretanto, a professora revela que, por conta de um paradigma enraizado que temos sobre o que é ser cientista, se mantém ainda uma certa dificuldade de visualizar a mulher atuando na ciência. Segundo ela, pensamos o cientista como uma pessoa “demasiada séria, formal, chata, que passa o dia inteiro no laboratório diante dos tubos de ensaio etc, etc” [28] e essa perspectiva se afasta de uma feminilidade que é imposta à figura feminina.



Figura 3 – Fanny Tabak. Acervo pessoal Fanny Tabak.

Quando comecei a pesquisar sobre a memória de Fanny Tabak, tive contato apenas com descrições rasas de sua personalidade, que faziam referência a um certo jeito difícil que gerava uma dureza de convivência. O modo como ela é descrita se afasta da feminilidade imposta à figura feminina que ela cita. Era como se ela tivesse encarnado o estereótipo da(o) cientista. Apenas conversando com Djenane Pamplona [29], professora aposentada do Departamento de Engenharia Civil da PUC-Rio, ex-integrante do NEM, artista plástica e amiga de Fanny, consegui conhecer um pouco a mulher por trás de um incrível trabalho. Na Figura 3, temos, sim, uma mulher com expressão fechada e postura rígida, mas o que a fez aparentar ser assim? Segundo Djenane, esse “jeito difícil” nada mais era do que uma forma de sobrevivência, uma

vida de trabalho que encontrou a necessidade de se impor para lutar por esse aumento da participação da mulher em todos os âmbitos. Djenane aponta que, enquanto pesquisadora, Fanny tinha uma considerável relevância, conhecida na ONU e na UNESCO, e que foi um ato revolucionário a criação do primeiro Núcleo de Estudos da Mulher na América Latina. Entretanto, apesar da expressão fechada, Djenane lembra com emoção do modo como Fanny conseguia ser uma ótima amiga, nas tardes com cafés e caminhadas na praia.

Em 1991, Fanny Tabak ao lado de Djenane Pamplona e Terezinha Costa, esta do Departamento de Informática, organizaram o I Encontro de Mulheres Cientistas do Rio de Janeiro<sup>4</sup>. O encontro teve a participação de 51 cientistas, sendo 12 delas do Centro de Ciência e Tecnologia da PUC-Rio [30]. Em uma das etapas do encontro, foi distribuído um questionário com o objetivo de traçar um perfil sobre quem era a mulher intelectual e como era sua vida acadêmica. Foram levantados questionamentos de teor profissional e pessoal para as participantes do debate, divididas em cinco grupos e tendo três horas para debater as questões. As questões foram:

- a) Por que tão poucas mulheres se orientam para uma carreira científica?
- b) Como perceber e estimular a vocação para essa carreira?
- c) Quais as principais dificuldades enfrentadas na sua vida profissional?
- d) Quais as principais dificuldades encontradas na sua vida pessoal, motivada pela sua vida profissional?
- e) Você acha que este encontro está sendo importante? Como dar continuidade ao mesmo? [31]

As respostas das participantes giraram em torno da questão da falta de incentivo por parte da família e também da sociedade. A redefinição, ainda recente, dos papéis sexuais não era culturalmente aceita de forma plena. Havia uma expectativa sobre as meninas de que elas deveriam prosseguir com o papel que fora desempenhado por suas mães como donas de casa. Além dessa expectativa, concluiu-se que ainda havia um desestímulo no que se refere à competitividade entre homens e mulheres cientistas dentro do espaço familiar, o que leva os maridos à acusação de que a mulher não está se dedicando o suficientemente à família e aos filhos. Considera-se que, na realidade, a mulher cientista está assumindo uma posição masculina, sendo capaz de chegar a posições elevadas apenas quando abdicam de uma vida matrimonial e de ser mãe.

No II Encontro da Mulher em Ciência e Tecnologia [32], ocorrido em 1993 na PUC-Rio, me chamou atenção o fato de terem sido adicionadas ao questionário questões referentes ao afeto. Nove das 34 perguntas do questionário desse segundo encontro estavam relacionadas a essa questão, buscando saber como a profissão influenciava a vida afetiva da cientista. Para mim, foi interessante perceber que, enquanto algumas mulheres apontavam problemas como disponibilidade de tempo e competição, que já haviam sido levadas ao debate no primeiro encontro, a maioria das participantes apontou uma satisfação afetiva que o trabalho trazia. A dedicação e o amor ao trabalho foram tratados como elementos primordiais para assegurar essa

---

<sup>4</sup> Em entrevista, a professora Djenane Pamplona assinalou que ela foi responsável por encabeçar o I e II Encontros da Mulher em Ciência e Tecnologia enquanto Fanny foi responsável por contatar alguns dos palestrantes e auxiliar na divulgação. Essa informação, entretanto, não aparece no livro *Laboratório de Pandora*, dando a entender que Fanny foi responsável por elaborar os encontros enquanto Djenane e Terezinha apenas auxiliaram na organização e planejamento dos eventos. Djenane, entretanto, apontou que não se incomoda por Fanny não ter sido clara no livro quanto à autoria do projeto. Ela revelou, inclusive, que desejava ter realizado um terceiro encontro que, por conta da temática polêmica – assédio –, não obteve apoio e não foi realizado (informação que também não foi acrescentada à obra de Fanny). Cf.: PAMPLONA, Djenane, Entrevista concedida a Ana Clara Amorim e Silvia Ilg Byington.

satisfação. A atividade profissional foi tratada como um local capaz de ampliar as amizades e servir como um espaço de diálogo.

A busca por mudanças no espaço acadêmico pensada por Fanny levou os dois encontros a pensarem sistematicamente a questão estrutural que recai sobre a mulher cientista, tentando identificar a raiz dos problemas e também buscar soluções para eles. Claro que não se trata de pensar em resolver tudo o que foi levantado nos dois encontros em um curto espaço de tempo, mas levantar a questão do afeto e as respostas das cientistas trazerem, em sua maioria, uma sensação de satisfação que o trabalho traz a suas vidas é um ato revolucionário. Acredito que, tal atitude, é um modo de ver na prática a ideia de bell hooks acerca da necessidade de acabar com um ambiente acadêmico composto de “espíritos desencarnados” [33]. A partir do momento em que nossos afetos estão em nossos trabalhos, todo o nosso ser está em sintonia com nossa capacidade de afetar o mundo e ser afetado por ele. Afinal, transformações não ocorrem do dia para noite. Observar a inserção e ascensão de mulheres cientistas neste espaço, ao lado de uma satisfação em seu trabalho é um ótimo incentivo para que seja rompido o estereótipo do que é ser um cientista, apontado por Fanny.

A importância de romper com tal estereótipo está, exatamente, na desmistificação de tal carreira, para que ela seja capaz de atrair cada vez mais meninas para esse universo. Uma questão que foi apontada de forma unânime nos dois encontros organizados por Fanny, é a necessidade de criar um esforço sistemático capaz de atrair meninas para a pesquisa científica [34]. Por conta disso, Fanny desenvolveu em 1994/95 um projeto experimental que, em parceria com outras instituições, seria capaz de despertar o interesse científico em meninas. O projeto foi chamado de Mais Mulheres em Carreiras Científicas e teve grande repercussão na época. Dentre as principais preocupações do projeto estava a aproximação das meninas – ainda em idade escolar – do que era a vida prática e rotineira de uma cientista, através de visitas em laboratórios e algumas participações em seminários. Apesar do projeto não ter contado com oposições, havia uma resistência que Fanny define como “estereótipos sexuais na educação” [35] que aponta para a ideia de que carreiras científicas não seriam adequadas para mulheres. Tal percepção estaria associada à ideia de que a atuação como pesquisadora estaria diretamente relacionada à impossibilidade de constituir uma família, já que a mulher cientista não poderia dedicar responsabilidade exclusiva aos cuidados domésticos e seu papel de mãe. Fanny aponta que tal crença impede que as mulheres sigam a carreira científica, acreditando ser impossível equilibrar o trabalho em um laboratório e a constituição de uma família [36].

Tal crença é compatível com o dualismo que bell hooks tenta romper. O senso comum seria que a sala de aula ou a atividade científica são locais sem espaço para o afeto. É um paradigma enraizado em nosso pensamento ocidental. Entretanto, os afetos podem servir como potência para a realização de nosso trabalho. As cientistas que participaram dos seminários organizados por Fanny apontaram a importância de suas atuações profissionais para a construção de seus afetos pessoais. Combinar o elemento afetivo à profissão é um modo de romper com o dualismo ocidental, reconhecendo que o afeto não está apenas no âmbito privado, mas também em todo o nosso ser, assim como o corpo está intrinsecamente unido à mente.

De modo distinto de Cleonice Berardinelli e Fanny Tabak, a atuação de Dona Joana na PUC-Rio não foi dentro de uma sala de aula formal. Ela era funcionária da manutenção, realizando diversos serviços pelo espaço do Campus. Depois, ela foi transferida para trabalhar no Departamento de Engenharia Civil. Informações sobre quem foi a Dona Joana são escassas quando comparadas ao que foi possível encontrar sobre Dona Cleo, por exemplo. Durante essa pesquisa, quase não encontrei documentos que falassem sobre sua pessoa. A realidade é que a sua memória está, muito mais, naqueles que estiveram ao seu redor do que em qualquer arquivo.

É possível pensar nesse fenômeno, a menor frequência de registros sobre Dona Joana, a partir da ideia de rastros proposta por Jeanne Marie Gagnebin, filósofa suíça radicada no Brasil. Segundo Gagnebin, o “rastro que é fruto do acaso, da negligência, às vezes da violência;

deixado por um animal que corre ou por um ladrão em fuga, ele denuncia uma presença ausente” [37]. É importante pensar que a memória institucional preserva certos elementos enquanto outros, se permitirmos, caem no esquecimento. Quais são os critérios que levam à preservação e ao esquecimento de certas memórias?

A memória de uma mulher negra que trabalhava como servente na PUC-Rio na década de 1960, poderia ser comparada à forma como a serva de Olympia era representada no quadro de Édouard Manet<sup>5</sup>. Tão invisível que quase se misturava às paredes. É interessante pensar que a nudez do corpo feminino retratado no quadro é mais chocante para muitos do que a invisibilidade da moça negra colocada na pintura. Enquanto servente da PUC-Rio, a tendência era que Dona Joana fosse esquecida, passasse invisível diante dos corredores, mas não foi isso que aconteceu. A PUC-Rio teve, ao longo de seus 80 anos, milhares de funcionários circulando pela Universidade. O que tornou Dona Joana tão especial e tão presente na memória daqueles que conviveram com ela na PUC-Rio? O que fez Dona Joana fugir de ser retratada como a serva de Olympia?

Ao longo das entrevistas que realizei, me encantei com a força da presença de Dona Joana na memória dos entrevistados, mesmo daqueles que não contavam com sua companhia rotineiramente. Enquanto trabalhava, Dona Joana circulava por todas as áreas do campus, mas suas principais relações foram com os funcionários do Departamento de Engenharia Civil, na limpeza dos laboratórios. Durante as conversas com as pessoas que entrevistei, percebi Dona Joana como uma mulher de múltiplas faces. Entretanto, foi unânime a caracterização dessa senhora como uma mulher alegre que estava sempre disposta a ajudar aos outros.

Durante a entrevista com o professor José Eugênio Leal [38], do Departamento de Engenharia Industrial, foi possível identificar traços de força, resistência e afeto em Dona Joana. Uma das múltiplas facetas de Dona Joana era a sua veia política, que, segundo José Eugênio, estava associada ao contexto político que o Brasil atravessava naquele momento com a ditadura militar. Em sua fala, José Eugênio se emocionou mais de uma vez falando sobre os eventos que caracterizaram a época. Dona Joana tinha um carinho muito grande por alguns alunos, principalmente aqueles que tinham uma ânsia por mudanças políticas semelhantes às dela. Durante esse contexto político, ela teve uma grande relevância no que se refere à proteção de alunos, funcionários e professores que estavam sendo perseguidos pelo regime militar, principalmente após a decretação do AI-5. Ela dava abrigo às pessoas que precisavam se esconder e José Eugênio contou, durante a entrevista, que Dona Joana dizia que nenhuma agente da ditadura iria pensar em procurar alguém em sua casa [39].

Na época em que ela morava no Parque Proletário da Gávea<sup>6</sup>, José Eugênio se recorda que o barraco de Dona Joana era um local de portas abertas. Sempre que podiam, os alunos se reuniam na casa dela, que se tornava uma verdadeira festa que os tirava da rotina, com direito a feijoada, alunos levando instrumentos, música, cantoria e muito carinho. A memória de José Eugênio da convivência com Dona Joana atravessa profundamente o aspecto afetivo. Sua lembrança, durante nossa conversa, não parecia estar apenas em sua mente, mas em todo o seu corpo. Um lembrar que estava em sua boca, ao relembrar da saborosa feijoada de Dona Joana, em seus ouvidos, ao relembrar da música que era tocada no barraco, em seu coração, ao lembrar do carinho que aquela mulher nutria por ele e por seus outros filhos da PUC-Rio.

Uma figura que relembra com carinho quem foi Dona Joana é o engenheiro Alberto Strozenberg [40]. Ele foi aluno da PUC-Rio entre 1963 e 1967 e, durante a entrevista, Strozenberg revelou o seu profundo entusiasmo acadêmico durante o período que esteve na Universidade. Ele se considerava um aluno bem ativo politicamente e participava de diversas

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://arteref.com/arte/curiosidades/quem-foi-a-mulher-retratada-em-olympia-de-manet/>

<sup>6</sup> O Parque Proletário da Gávea foi demolido na década de 1970 e estima-se que Dona Joana tenha morado no local até, aproximadamente, o final da década de 1960. Neste período, iniciaram-se as remoções dos moradores e Dona Joana mudou-se para o Minhocão, conjunto habitacional construído ao lado da PUC-Rio.

atividades na PUC-Rio. A convivência entre Strozenberg e Dona Joana fez com que se desenvolvesse um laço muito forte entre os dois, “quase que de mãe e filho” [41]. Strozenberg chama até hoje Dona Joana de “mãe preta” e aponta como suas principais características o seu gosto para comer porcarias como linguça e castanhas, sua capacidade crítica e de contestação, sua disposição para a vida e suas pequenas atuações em movimentos populares. Strozenberg, até hoje, comemora o aniversário de Dona Joana que, em 2022, estaria completando seu centenário no dia 24 de junho.



Figura 4 – Fotografia de Dona Joana. c. 1965. Fotógrafo: Alberto Strozenberg. Acervo Alberto Strozenberg.

Na figura 4, é possível ver Dona Joana de modo mais central, tomando o protagonismo da imagem. Neste período, ela ainda não era uma idosa, como é descrita por muitos dos que foram entrevistados. Era uma senhora, com cerca de 40 anos. Essa imagem era desconhecida, até então, nos acervos da PUC-Rio. Ela foi tirada por Alberto Strozenberg e está em seus álbuns de família. Quando recebi essa imagem de Strozenberg, fiquei impressionada com a vitalidade que Dona Joana transmite e como ela gozava de juventude, apesar de ser sempre lembrada como uma senhora. Com cerca de 40 anos, Dona Joana jamais seria considerada uma senhora atualmente, mas como ela sempre estava rodeada de jovens recém-chegados na universidade, a figura de uma senhora se perpetuou naquele imaginário. Os jovens que frequentavam sua casa, como foi apontado por Strozenberg, tinham a visão da “mãe preta” [42], da conselheira, do colo para fugir nos momentos difíceis. Neste caso, a imagem de uma senhora parece ser mais adequada nesse imaginário para construir a memória da mulher sábia e forte, semelhante às muitas “mães pretas” com as quais esses jovens brancos da Zona Sul conviveram desde sua infância.

Eu acredito que, levando em consideração o contexto político brasileiro naquele momento, as reuniões na casa de Dona Joana representaram um ato de resistência. Essa resistência, entretanto, não creio que seja referente a uma oposição política, mas sim a resistir a um sistema que, por natureza, defendia a censura e a violência. Responder a tamanha manifestação de ódio com reuniões que estavam completamente preenchidas por música, carinho e boa comida é uma forma de responder aquele momento político com a força do afeto de maneira impressionante. Creio que esse tenha sido um grande ensinamento que Dona Joana deixou na memória daqueles que tiveram o prazer de contar com sua companhia. Sua atuação política contra a ditadura não estava apenas no ato dela esconder os alunos perseguidos em sua casa, mas também em ensinar valores que estão relacionados à lealdade, à fraternidade, à

importância da luta e, principalmente, ao reconhecimento de que independente da escuridão estar preenchendo um ambiente, sempre podemos acender uma luz.

Durante esse período da ditadura, José Eugênio conta que ele precisou fugir para o Chile por conta da perseguição política. Mesmo estando foragido, ele foi se despedir de Dona Joana, contando que não poderia ir embora sem dar um último adeus. Já no Chile, ele terminou sua graduação em Engenharia Civil na *Pontificia Universidad Católica de Chile* e, durante seu período em exílio, José Eugênio escreveu uma música em homenagem à Dona Joana:

Eu vou voltar.

Zeca Leal. (Feita no Chile. Talvez em 1972.)

Dizem que a cidade está crescendo,  
Que o Flamengo vai vencendo,  
Que a moçada está feliz.  
Que Copacabana vai pra frente  
Entre a praia muitas pistas.  
Quem segura este país?  
Pobre banhista  
Pra chegar até a praia  
tem que vir por Madureira,  
Cascadura ou Sapucaia.  
E quando chega a PM solidária  
desaloja a turma toda  
e leva três pra solitária.

Eu vou voltar  
Vocês vão ver.  
Quem promete sempre cumpre  
Pra cumprir  
Eu vou voltar.  
Eu vou voltar,  
não leve a mal.  
Me querendo ou não querendo  
eu vou voltar pro carnaval.

Dizem que no parque Proletário  
construíram um planetário  
pra estrela de general.  
E que a Joana Manda-Brasa  
com galinha e com farofa  
vai mantendo o pessoal.  
Pobre Joana.  
Quanto mais reza uma prece  
assombração lhe aparece  
pela porta do barraco.  
E tem de tudo  
gordo alto, baixo e fraco.  
Cada um “pedra noventa”<sup>7</sup>,  
de família e do lugar.

Eu vou voltar... [43]

---

<sup>7</sup> “Pedra Noventa” era uma expressão muito utilizada por Dona Joana, segundo José Eugênio, que fazia referência à pedra de valor mais alto no jogo de bingo (pedra noventa). Essa expressão, agregada à linguagem popular na década de 1960, fazia referência a uma pessoa (ou situação) considerada legal, confiável, de alto valor.

A música escrita por José “Zeca Leal” Eugênio faz referência às memórias que ele trazia e que alimentavam sua saudade durante o exílio no Chile. Na letra de José Eugênio, é possível identificar suas lembranças sobre os múltiplos lados e jeitos de Dona Joana, as expressões que ela utilizava na fala e a comida que ela fazia. A letra também revela como os ensinamentos de Dona Joana são fortes e se interiorizaram em José Eugênio. Ela soube ensinar àqueles que conviveram com ela o que é uma mensagem que vale a pena, uma fé que não estava, necessariamente, associada a uma religião ou compromisso religioso, mas que demonstrava o que era ter compaixão, ser leal e agir com ética. O mais alto valor para ela, os “pedra noventa”, eram aqueles que tinham em seu coração a bondade e potência transformadora em que Dona Joana acreditava.

Os ensinamentos que Dona Joana trouxe à tona em seu contato com os alunos não estavam associados às teorias e ideias que os professores nos passam em sala de aula. Seu jeito alegre e descontraído, mesmo em meio a um período de trevas na história brasileira, era como uma luz em meio a escuridão. Ela ensinou àqueles que estavam ao seu redor a sobrevivência que estava no afeto, na vivacidade e no fervor por mudanças. Durante a conversa com os entrevistados, a imagem que criei em minha mente sobre quem ela era ficando cada vez mais nítida. Por conta das memórias daqueles que eu entrevistei, eu comecei a ver Dona Joana como o furacão de animação em meio às festas, a voz de protesto em meio às manifestações, a mãe que alimentava os jovens que não tinham dinheiro para almoçar na Universidade. São múltiplas faces que podem ser simplificadas no adjetivo força. Uma mulher forte que tinha em seu coração o desejo de ajudar e transformar. Força que, em Fanny Tabak transparecia como rigidez, e em Dona Cléo, como potência expressiva.

Cleonice Berardinelli, Fanny Tabak e Joana Brandão eram mulheres diferentes. Acreditavam em coisas diferentes, lutavam por coisas diferentes e viviam em lugares diferentes na sociedade. O que eu vi nelas, foi uma semelhança de grande força, foram suas capacidades de encarnar o afeto como potência para gerar transformações em seus espaços de atuação a partir daquilo que elas tinham como visão de mundo. É interessante que, em nosso modelo de sociedade, encarnamos o afeto como algo feminino e acreditamos que essa característica não está na figura masculina. Entretanto, o afeto não está necessariamente relacionado às características que tomamos de forma estereotipada como femininas, tais como carinho, amor ou meiguice, quase como em um banho de açúcar. O afeto a que me refiro está no poder de ser capaz de se afetar pelo outro e também na capacidade de afetar esse outro, como em uma troca de energias. Esse afeto está na potência de mudar aquilo que não concordamos e lutar por aquilo que acreditamos. Enquanto potência, o afeto está, nessa dualidade ocidental que temos, unindo mente e corpo, nos dando a capacidade de refletir e também de agir.

### **3.3 – Conhecimento sagrado e profano**

Usualmente, consideramos a academia como a morada do conhecimento, assim como consideramos o museu como a morada da história ou da arte. Em minha pesquisa de PIBIC anterior, eu realizei uma crítica à concepção de que o ato de aprender está concentrado na sala de aula, pensando principalmente como a ideia de Corpo sem Órgãos pode ser um instrumento para pensar em uma flexibilização de um modelo ideal de ensino no caso da PUC-Rio.

Artaud aponta, a partir de sua ideia de Corpo sem Órgãos, a necessidade de refazer a anatomia. A sua ideia propõe um ruptura com o dualismo que separa mente do corpo e busca destruir o corpo que, segundo ele, foi criado a partir do juízo de Deus. O corpo que Artaud queria desconstruir era o corpo que estava tomado por automatismos e por uma rotina degradante. Artaud chega até a criticar o sistema de ensino em sua carta endereçada aos Reitores das Universidades Europeias [44]. Há uma necessidade de alcançar aquilo que está além da ciência e da razão. A universidade e seu sistema são caracterizados por Artaud como algo responsável por mumificar a sociedade europeia, quase que construindo uma fábrica de um

modelo de sujeito, um modelo de corpo. Artaud propõe o Corpo sem Órgãos como forma de alcançar o verdadeiro mistério do corpo, desmascarando os falsos sábios que insistem em ter as respostas para reconstruir o Espírito, dando prosseguimento à segregação entre corpo e mente. No *post-scriptum* de sua apresentação radiofônica “Para Acabar com o Julgamento de Deus”, Artaud anuncia:

Quem sou eu?  
De onde venho?  
Sou Antonin Artaud  
e basta eu dizê-lo  
como só eu sei dizer  
e imediatamente  
verão meu corpo atual  
voar em pedaços  
e se juntar sob dez mil aspectos  
notórios  
um novo corpo  
no qual nunca mais  
poderão  
me esquecer. [45]

Esse processo, descrito por Artaud em seu *post-scriptum*, explica como foi a sua sensação ao transformar o seu corpo e, por consequência, transformar-se. O processo é agressivo, o ato de renascer implica na necessidade de antes morrer. Chegar ao Corpo sem órgãos proposto por Artaud exige despir-se daquilo que coloca o ser humano em estado de inércia e romper com a mecanização da identidade. Se trata acima de tudo de romper com a escravidão que o organismo propõe, distinguindo-se de uma hierarquia, principalmente do sistema hierárquico que coloca a mente em uma posição privilegiada em detrimento do corpo.

A dualidade entre corpo e mente é algo que está profundamente associada ao pensamento filosófico ocidental. Ao trabalhar sobre a questão dos afetos, Baruch Spinoza – filósofo racionalista do século XVII – propõe que há uma relação entre a mente e o corpo que é trazida à tona na atividade afetiva. Segundo ele, o afeto nos leva a um estado de mente e um estado de corpo – quase como um entre-lugar –, correspondendo o poder da mente para pensar e ser receptivo às ideias externas e o poder do corpo para agir em correspondência com a sensibilidade aos outros corpos [46]. O afeto, neste caso, corresponde a ações estimuladas por causas internas ou paixões que são determinadas por causas externas.

Quando conversei com Djenane Pamplona, além de obter um riquíssimo testemunho sobre quem foi Fanny Tabak e o trabalho do NEM, também consegui – com grande surpresa – ter contato com uma percepção artística cativante que se relaciona às concepções que tenho para a construção dessa pesquisa. Djenane é uma professora que gosta de inventar moda e, em sua percepção, o processo criativo que compõe a arte e a engenharia são idênticos. Ambos são derivados de descobrir algo para, posteriormente, buscar outro objeto de pesquisa para saciar essa inquietude. Eu senti tanta paixão em sua fala que até mesmo senti vontade de aprender alguma coisa sobre sua área do conhecimento, mesmo que, aparentemente, seja algo que está bem distante do universo das artes. A inquietude que ela citou me remete à atividade afetiva apontada por Spinoza. Apenas a partir da inquietude do corpo, afetado por algum estímulo externo, a mente é capaz de trazer o processo criativo, antes presente apenas no âmbito interno, à tona.

A discussão do afeto, segundo a ideia de Spinoza, traz a possibilidade de pensar Fanny Tabak, Cleonice Berardinelli e Joana Brandão como sujeitos que encarnam a percepção do afeto, colocando a mente e o corpo para trabalharem como uma coisa só, sem dicotomia. A ideia de que nos afetamos e nos deixamos afetar sensivelmente traz a reflexão sobre como

desenvolvemos nossas ideias e como a mente absorve os elementos de afeto e nos leva a desenvolver novas ideias e pensamentos. Segundo Spinoza:

1. O corpo humano compõe-se de muitos indivíduos (de natureza diferente), cada um dos quais é também altamente composto.
2. Dos indivíduos de que se compõe o corpo humano, alguns são fluidos outros, moles, e outros, enfim, duros.
3. Os indivíduos que compõem o corpo humano e, conseqüentemente, o próprio corpo humano, são afetados pelos corpos exteriores de muitas maneiras.
4. O corpo humano tem necessidade, para conservar-se, de muitos outros corpos, pelos quais ele é como que continuamente regenerado.
5. Quando uma parte fluida do corpo humano é determinada, por um corpo exterior, a se chocar, um grande número de vezes, com uma parte mole, a parte fluida modifica a superfície da parte mole e nela imprime como que traços do corpo exterior que a impele.
6. O corpo humano pode mover e arranjar os corpos exteriores de muitas maneiras.[47]

A composição do corpo humano a partir da presença de uma diversidade de indivíduos traz a discussão sobre como nossas ideias são formadas e como o nosso corpo reage para a construção de nosso modo de pensar. Pensando em Gilberto Velho, nosso modo de construção de nossa identidade passa direto pela nossa memória e aquilo que nos atravessa para que, posteriormente, sejamos capazes de desenvolver nosso próprio projeto (que aqui interpreto como uma ideia de modo de pensar e interpretar o mundo) [48]. A relação entre a memória, identidade e projeto é completamente fluida e, de mesmo modo, a ideia de Spinoza pode ser considerada. A ideia de fluidez presente em nossa composição segundo essa ideia de Afeto nos permite afetar e sermos afetados. Os corpos exteriores são capazes de nos transformar, assim como nós somos corpos exteriores para o outro, capazes de gerar transformação na mesma intensidade.

O Corpo sem Órgãos de Antonin Artaud e a Teoria do Suporte de César Aira são expressões do quanto esse afeto é necessário. Enquanto Artaud se preocupa em indicar o processo de libertação da prisão que a mecanização da mente impõe, Cesar Aira propõe uma preocupação com o processo, ao invés de com o resultado final. Artaud aponta que é impossível alcançar um corpo plenamente sem órgãos, já que se trata de um processo constante de libertações, rupturas e ressignificações. O afeto desloca a necessidade de ser coerente com o cânone proposto e induz o ser humano a seguir os instintos de suas próprias paixões. O ato de se permitir ser afetado, por si só, já constitui um modo de libertação. Somos tão bombardeados com o normal e o cotidiano que só o fato de que algo nos atinge e nos coloca em um estado de reflexão já é extraordinário. Enquanto isso, Aira se preocupa com o processo que abrange as nossas rupturas e ressignificações. Para transformações e libertações acontecerem, precisamos de um gatilho. Não sentimos a ânsia de mudança a menos que haja a percepção de que algo está errado. Aira busca um olhar para essas ações que nos levam à mudança e ao processo de mudar, sem dar tanta importância ao resultado, já que ele seria apenas um último estágio, uma consequência de todas as ações praticadas anteriormente.

As pessoas que são capazes de se permitirem ser afetadas são as que conseguem afetar os outros mais facilmente. Estar vulnerável ao afeto é estar aberto à transformação. O que há de semelhante em Cleonice Berardinelli, Fanny Tabak e Joana Brandão é exatamente essa capacidade de afetar e serem afetadas. Essa abertura ao mundo que está disposta a absorver tudo que existe de positivo e um esforço para mudar tudo aquilo que é negativo. As três lutaram por causas diferentes e por maneiras diferentes, mas ainda assim houve uma luta.

A paixão de Dona Cleo refletiu diretamente em seu modo de conceber o que era ser uma professora e uma acadêmica. Seu diferencial foi trazer essas questões que tangenciavam tanto

a questão do conhecimento formal quanto aquilo que ronda a questão da arte, da literatura e do conhecimento. Fanny Tabak abraçou a questão da mulher na ciência e teve em sua vida um enorme anseio por mudar o que era a realidade da mulher cientista. Ela promoveu encontros estimulando o debate acerca dessa temática e buscou identificar as problemáticas e desenvolver soluções. Dona Joana incorporava mais do que ninguém o significado de liberdade, ética e política dentro da PUC-Rio. Todos conheciam Dona Joana na época que ela frequentava a Universidade e trabalhava como servente. Sua presença era cativante e todos tinham um extremo respeito por ela.

As três eram mulheres completamente diferentes. Vidas diferentes. Cada uma lutava com unhas e dentes por aquilo que acreditava. Seus jeitos fora do convencional as levaram a locais de reconhecimento que trouxeram suas memórias até mim para o desenvolvimento desse trabalho. Elas não desejaram se tornar pessoas especiais e acredito que nem imaginavam que seus nomes estariam conservados por suas memórias, mas elas e os seus simples jeitos de ser e de conceber o mundo tiveram a capacidade de eternizar suas existências. Isso me põe a pensar: por que valorizamos tanto o normal sendo que o que fica em nós é o – aparentemente – extraordinário? Como ser extraordinário? Eu acredito que geralmente pensamos que o conhecimento que a Universidade traz são apenas as reflexões dos pensadores, o estudo sobre as teorias ou a compreensão dos cálculos complexos. Mas o que essas mulheres ensinaram estava muito além disso.

Se pensarmos a ideia de que consideramos o espaço universitário quase como algo sagrado no que se refere à transmissão do conhecimento, esses métodos alternativos que valorizam a busca por novos significados e por uma autonomia do estudante, reivindicando uma nova percepção de enxergar o mundo, habitaria o espaço do profano. Estamos tão acostumados a apenas reproduzir o conhecimento – principalmente depois da experiência no Ensino Médio que valoriza apenas a memorização – que parece que essas novas formas de ensinar não são tão validas quanto aquilo que sempre foi empurrado para nós. Quando eu quis aprofundar meus conhecimentos sobre o Corpo sem Órgãos desde meu trabalho anterior, minha atenção recaiu exatamente nas pessoas que eram capazes de afetar aqueles que estão ao redor através dessa transmissão do conhecimento e ensinar de verdade o que é se apaixonar por aquilo que deseja fazer na vida. São essas pessoas que transformam o profano em sagrado.

### **3.4 – Conclusão**

A historiadora e professora francesa Michelle Perrot define que, ao longo da história, a mulher foi retratada de três formas [49]. Em primeiro lugar temos a mulher-fogo: louca, histórica, devastadora e incontrolável. Em segundo lugar, temos a mulher-água, que é passiva, amorosa e doce, mas também traiçoeira e misteriosa. Por último, temos a mulher-terra, reconhecida por ser a guardiã da vida, nutrindo e fecundando, e representando a moral e estabilidade. Essas mulheres, entretanto, mesmo que misturadas de forma complexa, não são capazes de representar quem são Cleonice Berardinelli, Fanny Tabak e Joana Brandão.

Para descrever essas mulheres, prefiro usar o termo fazendeiras do ar, cunhado por Carlos Drummond de Andrade e analisado por José Miguel Wisnik. Em Drummond e a Mineração [50], o ensaísta brasileiro José Miguel Wisnik estuda o termo “fazendeiro do ar”, pensando nele como um simbolismo para uma coragem que coloca em questão os caminhos divergentes da própria identidade [51]. Neste caso, penso nessas mulheres como fazendeiras do ar, capazes de cultivar o próprio destino sem se entregar às expectativas que foram impostas a elas. Essas mulheres decidiram construir sua própria história, encontrando coragem dentro de si, em um contexto histórico que não favorecia suas concepções e revoluções. Como compreender o modo de ensinar de Dona Cleonice, que em nada correspondia aos moldes de ensino da época? Como dar prosseguimento ao NEM e à luta de Fanny se, infelizmente, o seu jeito difícil era levado mais em conta do que seu trabalho e pesquisa revolucionários? Como uma mulher negra que

trabalhava como servente ficou preservada na memória dos professores, alunos e funcionários da PUC-Rio?

Em minha interpretação, a potência transformadora dessas mulheres era movida por esse afeto proposto por Spinoza. É impossível mudar o mundo adotando um posicionamento neutro. É necessário dar um passo à frente e questionar aquilo que se apresenta na sociedade como uma tradição. A revolução dessas mulheres estava, antes de mais nada, em sua capacidade de se afetar por algo que elas não consideravam correto e colocar aquilo em questão, com um olhar transformador e coragem para cruzar a linha que separa o comum do extraordinário. O Corpo sem Órgãos também se manifesta, em minha interpretação, no comportamento dessas três mulheres. Em seus jeitos únicos, havia a capacidade de romper com a inércia e se entregar ao desafio de se contrapor à mecanização da identidade.

Entretanto, é imprescindível lembrar que elas eram mulheres diferentes e estavam em lugares diferentes dentro do corpo acadêmico da PUC-Rio e que, atualmente, elas ocupam também posições diferentes na memória da Universidade. Dona Cléo é lembrada e celebrada, sua existência e trabalho são expressivos no cenário acadêmico da PUC-Rio. Informações sobre ela são encontradas em abundância, seja no Jornal da PUC, em biografias dedicadas à sua memória, matérias jornalísticas dos mais diversos veículos de comunicação e no site do Núcleo de Memória da PUC-Rio. Conhecer quem foi Dona Cléo foi algo aparentemente tranquilo, me identifiquei com sua história e com sua paixão pela arte e literatura, era como se eu estivesse lendo a história de uma heroína dos meus livros favoritos de ficção.

A memória sobre Dona Joana está pouco preservada nos acervos da PUC-Rio. Em minha pesquisa, encontrei nos documentos da Universidade apenas algumas fotografias em que ela estava presente ao lado de outros funcionários e sua ficha de funcionária. Apenas com as entrevistas que realizei ao longo de minha pesquisa fui capaz de conhecer um pouco mais de Dona Joana e o modo como ela era reconhecida pelos alunos e funcionários. Consegui enxergar nela, através dos testemunhos que tive o prazer de coletar, um brilho no olhar, que almejava não apenas uma transformação política, mas também a criação de uma família desenvolvida a partir dos valores de compaixão, lealdade e ética.

A memória de Fanny Tabak na PUC-Rio é escassa, porém de um modo diferente de Dona Joana. Pouco encontrei sobre ela, até o momento, nos acervos da PUC-Rio, mas também tive dificuldade de localizar e contatar aqueles que conviveram com ela. Sua memória, e a história de seu trabalho, parecem ter sido apagados da memória da Universidade, do mesmo modo que areia lançada ao vento. Entretanto, conversar com Djenane Pamplona e a leitura do livro de Fanny foram modos de acessar sua memória. Com Djenane, eu pude entender o modo como Fanny lutou de modo indomável por aquilo que acreditava, se entregando de corpo e alma ao seu trabalho e ao NEM. Com o livro Laboratório de Pandora, pude conhecer a luta de Fanny e suas ações para colocar em prática suas crenças e pesquisas.

Não me atrevo a buscar uma definição integral para essas mulheres pois uma pesquisa jamais seria capaz de colocar no papel quem elas foram e o que suas presenças significaram, sem limitá-las significativamente. Fiz o que estava ao alcance de minha percepção para mostrar quem foram elas e os detalhes de seus jeitos particulares que me cativaram, assim como cativaram aqueles que entrevistei e os autores dos textos que li. Em minha interpretação, as protagonistas de minha pesquisa podem ser exemplos do que Antonin Artaud tem como o processo de criar para si um Corpo sem Órgãos, livre de juízos limitantes para seguir suas próprias convicções, assim como demonstram o modo como o Afeto é algo fundamental para a construção do pensamento crítico, ao propor uma sensibilidade de se permitir ser afetado pelo mundo e pelas pessoas a sua volta.

Apesar desta pesquisa ter sido esclarecedora e ter me levado a pensar criticamente o modo como essas três mulheres foram capazes de ser revolucionárias, cada qual ao seu modo, acredito

que ainda existam questões que eu gostaria de compreender melhor. Por hora, desejo que, nas próximas etapas da minha próxima pesquisa, eu seja capaz de:

01 – Aprofundar meus conhecimentos sobre o NEM e seu impacto na Universidade, assim como compreender seu súbito fim;

02 – Continuar em buscar de pistas e documentos para remontar o que sobrou do acervo do NEM;

03 – Prosseguir com as entrevistas;

04 – Elaborar um dossiê sobre Dona Joana (e também Fanny Tabak e o NEM) a partir das entrevistas e documentos localizados na pesquisa;

05 – Conhecer melhor Djenane Pamplona e sua concepção de proximidade entre a arte e as ciências, de modo que eu possa usar seus conhecimentos para aumentar meu repertório de compreensão da arte em suas múltiplas compreensões.

#### 4.0 - Referências Bibliográficas

[1] AIRA, Cesar. Poesia do Suporte. *In: Pequeno Manual de Procedimentos*. Curitiba: Arte & Letra Editora, 2007. p. 19-20.

[2] AZEVEDO, Gerlúzia de Oliveira. **Antonin Artaud: a crueldade pelos desenhos e autorretratos**. 2014. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional; Cultura e Representações) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014. p. 128-129. Disponível em: [https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/13832/1/AntoninArtaudCrueldade\\_Azevedo\\_2013.pdf](https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/13832/1/AntoninArtaudCrueldade_Azevedo_2013.pdf). Acesso em 30 jun. 2021.

[3] HISTÓRIA DE ACADÊMICOS – Cleonice Berardinelli – Bloco 1, 2014. 1 vídeo (19 minutos). Publicado pelo canal TV Senado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZscMaNsFups>. Acesso em: 10 jul. 2021.

[4] TABAK, Fanny. **É tempo de incentivar a presença das mulheres na ciência**. [Entrevista cedida a] ComCiência. ComCiência, Campinas, dez. 2003. Disponível em: <https://www.comciencia.br/dossies-1-72/entrevistas/mulheres/tabak.htm>. Acesso em: 10 jul. 2021.

[5] Ibid.

[6] NEVES, Margarida de Souza. **D. Joana: a nossa rainha Njinga**. Núcleo de Memória da PUC-Rio, ago. 2007. Disponível em: <http://nucleodememoria.vrac.puc-rio.br/perfil/saudade/joana-brandao-aguiar-1922-2003>. Acesso em: 18 de jun. 2021.

[7] ALBERTI, Verena. **O que documenta a fonte oral?** Possibilidades para além da construção do passado. Rio de Janeiro: CPDOC-FGV, 1996. Disponível em: [https://cpdoc.fgv.br/producao\\_intelectual/arq/869.pdf](https://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/869.pdf). Acesso em: 21 jun. 2021.

[8] HUYSSSEN, Andreas. Passados Presentes: mídia, política, amnésia. *In: HUYSSSEN, Andreas. Seduzidos pela memória*. Arquitetura, Monumentos, Mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora: Universidade Candido Mendes: MAM-RJ, 2000. p. 9-40.

[9] FACULDADES CATÓLICAS. **Anuário PUC-RJ, 1965**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1966.

[10] RABELO, Amanda Oliveira; MARTINS, António Maria. A mulher no magistério brasileiro: um histórico sobre a feminização do magistério. *In: Congresso Luso Brasileiro de História da Educação*, 6, 2006, Uberlândia. **Anais do VI Congresso Luso Brasileiro de História da Educação**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2006. p. 6167-6176.

[11] ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Cleonice Berardinelli: biografia**. Rio de Janeiro, 19 mai. 2016. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/cleonice-berardinelli/biografia>. Acesso em: 13 jul. 2021.

[12] SPREJER, Pedro. A paixão pelas palavras de Cleonice Berardinelli. **Revista Biografia**, n. 118, mar. 2013. Disponível em: <http://sociedadedospoetasamigos.blogspot.com/2013/03/a-paixao-pelas-palavras-de-cleonice.html>. Acesso em: 07 jun. 2021.

[13] Ibid.

[14] Ibid.

[15] Ibid.

[16] Ibid.

[17] VIANA, Thays; SILVEIRA, Thaís. Um século de Divina Cleonice. **Jornal da PUC**, Rio de Janeiro, ano XXIX, n. 300, p. 11, set. 2016. Disponível em: <http://jornaldapuc.vrc.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inford=4865&sid=24>. Acesso em: 07 jun. 2021.

[18] Ibid.

[19] HOOKS, bell. Eros, erotismo e o processo pedagógico. In: HOOKS, bell. *Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. p. 253 - 264.

[20] TABAK, Fanny. **Laboratório de Pandora: estudos sobre a ciência no feminino**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002. p. 7.

[21] Ibid.

[22] NÚCLEO DE ESTUDOS SOBRE A MULHER. **Boletim NEM**, Rio de Janeiro, ano 4, n. 5, jun. 1984.

[23] TABAK, Fanny. *Laboratório de Pandora: estudos sobre a ciência no feminino*, op. cit., p. 145.

[24] HOLLANDA, Heloísa Buarque. Introdução. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque. **Pensamento Feminista Brasileiro: Formação e Contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p.11.

[25] Ibid.

[26] Ibid.

[27] TABAK, Fanny. É tempo de incentivar a presença das mulheres na ciência, op. cit.

[28] Ibid.

[29] PAMPLONA, Djenane. Entrevista concedida a Ana Clara Amorim e Silvia Ilg Byington. Núcleo de Memória da PUC-Rio, Rio de Janeiro, ago. 2021.

[30] TABAK, Fanny. *Laboratório de Pandora: estudos sobre a ciência no feminino*, op. cit., p.161

[31] Ibid., p. 167.

[32] Ibid., p. 171.

[33] HOOKS, bell, op. cit., p. 255.

[34] TABAK, Fanny. *Laboratório de Pandora: estudos sobre a ciência no feminino*, op. cit., p.183

[35] Ibid., p. 196.

[36] Ibid., p. 197.

[37] GAGNEBIN, Jeanne Marie. O rastro e a cicatriz: metáforas da memória. In: GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006. p. 111.

[38] LEAL, José Eugênio. Entrevista concedida a Ana Clara Amorim e Silvia Ilg Byington. Núcleo de Memória da PUC-Rio, Rio de Janeiro, jun. 2021.

[39] Ibid.

[40] STROZENBERG, Alberto. Entrevista concedida a Ana Clara Amorim e Silvia Ilg Byington. Núcleo de Memória da PUC-Rio, Rio de Janeiro, jul. 2021.

[41] Ibid.

[42] Ibid.

[43] LEAL, José Eugênio Leal. **Eu vou voltar**. Chile, 1972. 25 jun. 2021. 1 mensagem eletrônica.

[44] WEILLER, Claudio. **Escritos de Antonin Artaud**. Porto Alegre: L&PM Editores Ltda, 1983. Coleção Rebeldes e Malditos, v.5. p. 27.

- [45] ARTAUD, Antonin. Post-Scriptum. *In*: ARTAUD, Antonin. **Para Acabar com o Julgamento de Deus**. Escola Nômade, 19 fev. 2016. Disponível em: <https://www.escolanomade.org/2016/02/19/artaud-para-acabar-com-o-julgamento-de-deus/>. Acesso em: 13 jul. 2021.
- [46] HARDT, Michael. Para que servem os afetos. *In*: **Revista Digital Neli – Núcleo de Estudos de Literatura e Intermiose**, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, ano 4, n. 7, jan. – jun. 2015. Disponível em: <https://www.neliufpe.com.br/wp-content/uploads/2015/10/001-1.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2021.
- [47] SPINOZA, Baruch. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- [48] VELHO, Gilberto. Memória, identidade e projeto. *In*: VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. p. 101.
- [49] PERROT, Michelle. Mulheres. *In*: PERROT, Michelle. **Os Excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.
- [50] WISNIK, José Miguel. **Maquinação do mundo: Drummond e a mineração**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 63-64.
- [51] *Ibid.*